

A CONCEPÇÃO EDUCACIONAL DE JOHN DEWEY: OBJETIVOS E METAS

CONCEPTO EDUCATIVO DE JOHN DEWEY: OBJETIVOS Y METAS

JOHN DEWEY'S EDUCATIONAL CONCEPT: OBJECTIVES AND GOALS

Ian Gottberg de MOURA¹
Carlota BOTO²

RESUMO: Este artigo debruça-se sobre os caminhos extraviados nos quais algumas práticas pedagógicas incorreram. Orientações pedagógicas destoantes são uma das consequências advindas de más interpretações em matéria educacional. O presente trabalho avança a hipótese de que encontram um bom objetivo educacional, contanto que se desvinculem de falsos antagonismos, tais como: teoria oposta à prática, interesse do educando oposto à disciplina escolar. John Dewey foi um dos raros pensadores a atender a essa condição. Em virtude disso, o artigo objetiva, através da perspectiva de Dewey, demonstrar como é necessário conciliar ideias aparentemente irreduzíveis para formular objetivos educacionais. A metodologia empregada consistiu em estudos bibliográficos concernentes a Dewey. Os resultados alcançados pelo trabalho foram concepções pedagógicas, das quais não desprezar os conhecimentos prévios da criança é exemplo. Finalmente, conclui o artigo que é preciso harmonizar o que erroneamente se opõem.

PALAVRAS-CHAVE: Objetivo educacional. John Dewey. Teoria oposta à prática. Currículo escolar contra interesse do aluno. Conciliação de ideias.

RESUMEN: Este artículo se centra en los caminos perdidos en los que han caído algunas prácticas pedagógicas. Las orientaciones pedagógicas discordantes es una de las consecuencias derivadas de las malas interpretaciones en materia educativa. En el presente trabajo se plantea la hipótesis de que encuentran un buen objetivo educativo, siempre que se libren de falsos antagonismos, tales como: teoría contraria a la práctica, interés de los estudiantes contra la disciplina escolar. John Dewey fue uno de los raros pensadores que cumplió con esta condición. En consecuencia, el artículo pretende, a través de la perspectiva de Dewey, demostrar cómo es necesario conciliar ideas aparentemente irreductibles para formular metas educativas. La metodología utilizada consistió en estudios bibliográficos sobre Dewey. Los resultados obtenidos por el trabajo fueron concepciones pedagógicas, de las cuales el conocimiento previo del niño es un ejemplo de no descuidar. Finalmente, el artículo concluye que es necesario armonizar lo que se opone erróneamente.

PALABRAS CLAVE: Objetivo educativo. John Dewey. Teoría opuesta a la práctica. Currículo escolar en contra del interés del estudiante. Conciliación de ideas.

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo – SP – Brasil. Graduando em Filosofia. Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4097-7444>. E-mail: iangdmo@usp.br

² Universidade de São Paulo (USP), São Paulo – SP – Brasil. Professora titular da Faculdade de Educação. Doutorado em História Social (USP). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1D. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7389-2391>. E-mail: reisboto@usp.br

ABSTRACT: *This article focuses on the lost paths in which some pedagogical practices have fallen. Discordant pedagogical orientations is one of the consequences arising from misinterpretations in educational matters. The present work proposes the hypothesis that they find a good educational objective, as long as they get rid of false antagonisms, such as: theory opposed to practice, student interest opposed to school discipline. John Dewey was one of the rare thinkers to meet this condition. As a result, the article aims, through Dewey's perspective, to demonstrate how it is necessary to reconcile apparently irreducible ideas to formulate educational goals. The methodology used consisted of bibliographic studies concerning Dewey. The results achieved by the work were pedagogical conceptions, of which the child's prior knowledge is an example of not neglecting. Finally, the article concludes that it is necessary to harmonize what is wrongly opposed.*

KEYWORDS: *Educational objective. John Dewey. Theory opposed to practice. School curriculum against student interest. Conciliation of ideas.*

Introdução

Educação é um tema sobretudo complexo, controverso. Adentrar no universo infantil, em busca das leis de seu desenvolvimento, é certamente uma empresa árdua e incerta. Não é à toa que distintas teorias pedagógicas foram criadas e rivalizam entre si, por mais que não se deva falar que esta ou aquela logrou êxito em suas finalidades pedagógicas. O modo de exercitar a docência suscita muitas dúvidas e torna-se assunto de numerosas discussões, por ser mesmo matéria de difícil compreensão. Para tratar de tal assunto, atentemos nós a um tênue equilíbrio, por vezes ignorado, muito embora requerido pelo entendimento de nosso objeto de análise: o equilíbrio entre especular a respeito do mundo infantil e assimilá-lo totalmente; mais à frente, entenderemos esse equilíbrio como uma harmonia da psicologia infantil com o universo lógico dos adultos. O presente artigo abordará justamente duvidosas concepções pedagógicas, consequências inevitáveis da referida complexidade, em que o processo educacional consiste.

Ao longo da extensa tradição de pensar a educação, em meio a pequenas sendas de desejáveis direções, muitas estradas foram abertas, cujos caminhos não nos levaram a bons destinos. De diferentes modos, vemos a educação extraviada; seja por meio de objetivos educacionais vãos, seja a partir de falsos antagonismos criados. O preço que pagam aqueles que se apoiam em bases teóricas mal assentadas quanto a educação pode ser visto em problemas concretos e particulares, como veremos durante o artigo. Não bastando denunciar as orientações pedagógicas equivocadas pelas quais conduzem a educação, serão propostas também soluções a tudo quanto de errôneo nos depararmos no espaço de nosso exame sobre educação. De um modo figurado, o artigo promoverá uma bateria de ataques a diversas

interpretações pedagógicas duvidosas ao rever concepções educacionais. E renovará as perspectivas da educação com novos olhares.

Encontrar objetivos significativos, ou conciliar ideias aparentemente contraditórias não é tarefa fácil. No escopo pedagógico, isso não é diferente. Decorreram dessas dificuldades teorias reciprocamente excludentes, falsos paradoxos e antagonismos, e objetivos de valores irrisórios. John Dewey, pedagogo e filósofo, foi um dos ousados pensadores. Ele não somente descortinou os verdadeiros e significativos desígnios da educação, como também os caminhos fáceis de pensamento, que nos levam a extremos, desafiou de modo a conciliar e unificar correntes pedagógicas aparentemente irreduzíveis. Conhecendo as ideias de Dewey, decerto estaremos nos desiludindo quanto à esperança depositada em métodos pedagógicos mutuamente excludentes. Dessa maneira, será reconhecido que se aproximarmos extremos, mesclando-os e harmonizando-os, então obteremos nós objetivos pedagógicos eficientes e adequados às boas pretensões no que tange à educação.

Assim sendo, serão fundamentais ao presente artigo as propostas e concepções de John Dewey a respeito da docência. Igualmente, as aplicações práticas de suas ideias pedagógicas serão relevantes, uma vez que pedagogia é uma ciência teórica, mas também é, principalmente, uma ciência aplicada, prática; ademais, como veremos a partir do Pragmatismo, do qual John Dewey é um dos representantes, uma ideia é válida, contanto que confirmada pela experiência, pela aplicação prática. Como já mencionado, John Dewey, além de pedagogo, foi filósofo; e veremos que suas investigações filosóficas, em particular sua reflexão acerca de em que consiste um objetivo de um modo geral, embasaram as teses deste trabalho. Muitos objetivos educacionais, até mesmo reputados, a serem aqui revistos não se sustentam, à luz das plausíveis concepções, não necessariamente educacionais, de J. Dewey. A fim de corroborar a argumentação, outros célebres pedagogos, Johann H. Pestalozzi e Johann F. Herbart, serão também considerados.

Antes de arrematar esta apresentação temática, será necessário abordar a relação escola e sociedade. Desde já, vale ressaltar que não se deve alijar a educação da dinâmica social. Engana-se deveras aquele que pensa a educação como um elemento mantenedor do *status quo* social. Muito pelo contrário. A educação, para Dewey, seria uma das ‘molas propulsoras’ da transformação social em direção ao progresso. Nesse sentido, mais uma vez, importa trazer à tona as ideias de J. Dewey (1965), para quem educação nada é senão o desenvolvimento humano progressivo. Não se pode dissociar, segundo Dewey, o desenvolvimento individual de um todo social, pois o desenvolvimento da sociedade implica o desenvolvimento concomitante de seus membros, e vice-versa. Insere-se aqui um

pressuposto essencial tanto deste artigo como da reflexão de Dewey: é mister ao desenvolvimento humano autêntico, isto é, a verdadeira educação, a conformação duma sociedade democrática. Uma sociedade não pode ser constante e autenticamente desenvolvida, a não ser que sejam garantidas oportunidades de desenvolvimento a todos os membros duma sociedade, que sejam distribuídos equitativamente os interesses. O desenvolvimento de cada indivíduo tanto mais cresce quanto mais as relações sociais são justas, recíprocas e equânimes. Por isso é indispensável ao desenvolvimento individual o desenvolvimento social, comum. Logo, a educação oferecida democraticamente leva ao desenvolvimento da sociedade como um todo e de cada indivíduo. Entretanto, como já dito, a educação é um dos fatores que impulsionam a transformação social; e, por conseguinte, não se deve esperar o progresso social apenas da educação, mas também de outras instituições sociais, como a política.

Por fim, outros dois pontos concernentes à relação da educação com a sociedade merecem ser destacados. Primeiramente, Dewey nos lembra que educam tendo em vista um equilíbrio entre contribuição social e formação individual. Nem apenas aos interesses pessoais, nem somente às contribuições sociais a educação visa. Eis um exemplo, em que a educação não tende nem ao egoísmo nem à abnegação, do ponderado pensamento de Dewey. Em relação ao segundo ponto, surge uma favorável relação entre trabalho e educação. A sociedade perde em ter tantas pessoas infelizes em seus empregos, profissões e carreiras. O trabalho alienado e enfadonho ou a atividade profissional destituída de significado e valor subjetivos deteriora a vida e a sociedade. Isso se deve em parte a um malogro educacional. É claro que ocupações que transformam pessoas em autômatos estão irremediavelmente comprometidas e que apenas o progresso econômico ensejaria o aumento da empregabilidade e da qualidade do emprego. Não obstante, mais pessoas estariam contentes, esperançosas e interessadas em seus empregos à medida que a educação tivesse mais sucesso em seu papel de emancipar o ser humano, de dotá-lo de consciência do seu progresso, do seu desenvolvimento ininterrupto. John Dewey foi um dos grandes pedagogistas a notar que a educação torna o ser humano autônomo, capaz de decidir, por meio de uma reflexão pessoal, a atividade, significativa e valorada, com que se ocupar e na qual progredir.

Problemática

Apontemos de início uma confusão que se faz a respeito de duas noções, e por causa da qual há tradicionalmente formadas duas correntes pedagógicas, dispostas, uma em relação a outra, de um modo diametralmente oposto, configurando dois extremos concorrentes. Estamos a falar do falso antagonismo entre psicologia infantil e lógica adulta. A partir dessas duas noções, inerentes à pedagogia, uma orientação educacional baseada apenas no mundo infantil concorre com outra orientação fundamentada somente no mundo adulto. A despeito de tratarem de noções diferentes, essas orientações não são irreduzíveis. É sabido que o universo infantil é desordenado, subjetivo, emotivo e caprichoso, ao passo que o universo lógico do adulto é disciplinar, objetivo, racional e compartimentado. Todavia, como veremos ao longo do artigo, ambos universos, além de poderem ser fundidos, alçam, se juntos, o indivíduo a um elevado patamar de desenvolvimento, ao qual não chegaria ele caso educado de acordo com somente esta ou somente aquela corrente pedagógica.

Uma outra oposição forçada refere-se às noções de meio e de fim. Parece óbvio a nosso pensamento separar o que é meio duma finalidade. De um modo contraintuitivo, John Dewey nos mostra que fim e meio se identificam; quando apresentarmos a definição de objetivo segundo Dewey, compreenderemos isso. Além do mais, uma má interpretação relaciona essas duas noções, a saber: ‘somente o objetivo vale e o processo, através do qual chegam ao objetivo, é apenas uma necessidade maçante’. Ora, então em nossa maior parte do tempo, buscando por nossos meios os objetivos, viveríamos aborrecidos? Além de estar errada, tal interpretação explica a distorção educacional, por causa da qual boa parte da juventude, ignorante quanto ao valor e significado dos estudos, regozija-se apenas com sua aprovação no vestibular, meta imperiosa de nossos dias; explica a sujeição dum sujeito a um emprego maçante apenas por objetivar um salário razoável.

Uma concepção educacional, que também não passará ilesa aos nossos ataques, é aquela que entende educação como uma preparação para a vida. Por trás dessa ideia banal, escondem-se dois erros. O principal deles é desconsiderar os conhecimentos prévios da criança. Johann H. Pestalozzi (2010) ressaltava que o ensino começa a partir do que é familiar à criança, ou seja, seus conhecimentos prévios. Portanto, quando a criança chega à escola, ela já está preparada; é uma pedra a ser lapidada. O segundo erro velado é achar que o conteúdo aprendido na escola só deve ser experienciado na vida adulta; destarte, a educação perde em não ser ministrada a partir da experiência, da vivência do educando.

Não passará despercebido também o seguinte falso antagonismo em matéria educacional: o aprendizado formal (escolar) e o aprendizado informal (da vida cotidiana) como aprendizados opostos e, por isso, dissociados. Partindo dessa separação forçada entre escola e vida, chegam a problemas, como: a escola como um fim em si mesma; um indivíduo perdido na complexidade do mundo contemporâneo por não ter tido instrução escolar. Anísio Teixeira, grande pedagogo brasileiro, em um esboço sobre a teoria educacional de John Dewey, escreveu:

Um dos grandes méritos da teoria de educação de Dewey foi o de restaurar o equilíbrio entre a educação tácita e não formal recebida diretamente da vida, e a educação direta e expressa das escolas, integrando a aprendizagem obtida através de um exercício específico a isto destinado (escola), com a aprendizagem diretamente absorvida nas experiências sociais (vida) (TEIXEIRA, 1971, p. 24).

Para finalizar a apresentação dos problemas a serem defrontados neste artigo, mais uma falsa, embora corriqueira, oposição entre noções será abordada: a aparente oposição entre pensamento e ação, entre teoria e prática. É claro que pensar e agir são funções diferentes, pois aquele opera por meio de generalizações, hipóteses, possibilidades lógicas e reflexões, e este é determinado espacial e temporalmente, consiste em existência factual imediata e concerne sempre a situações particulares. Mas, não estão por isso desligados um do outro, o que a ideia de oposição sugere. Veremos à frente que foi e é fundamental ao ser humano combinar teoria e prática. Nem uma nem outra, se isolada, garantem um desenvolvimento humano efetivo. O exercício do pensar estimula a abstração e o raciocínio; porém, se isolado, torna-se ocioso e desconectado da realidade. A prática, por sua vez, promove sujeitos destros e habilidosos; no entanto, caso desacompanhada de desenvolvimento intelectual, torna o ser humano sujeito a seu instinto, a seus impulsos e ao acaso das circunstâncias que sobrevêm à sua realidade. Por conseguinte, esvaziar as disciplinas escolares de conteúdo prático, o que costumeiramente ocorre, não nos leva a bom caminho; outrossim, basear ensino em treinos, em mero ‘mecanicismo’ (não entendido em sentido técnico, mas em sentido trivial, significando exercício físico sem reflexão subjetiva, sem apreensão de sentido e valor) extravia a educação.

Agora, segue-se a apresentação biográfica de John Dewey, com cujas ideias este trabalho pretende rever concepções educacionais errôneas.

Biografia

O estadunidense, John Dewey, nasceu no ano de 1859 em Burlington, cidade do estado de Vermont; veio a falecer em 1952. Teve, portanto, uma vida longa de quase 100 anos. Presenciou grandes transformações na humanidade, invenções tecnológicas revolucionárias, as duas Guerras Mundiais, a intensificação da industrialização e urbanização, entre tantos outros acontecimentos e mudanças, que marcaram o impressionante período compreendido pela segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. Foi filósofo e pedagogo. Ou melhor, um filósofo pedagogo, já que Dewey prezava tanto a unidade: unidade entre pensamento e ação, interesse infantil e currículo escolar, para citar alguns exemplos. Além do mais, para Dewey, a filosofia é a inspiração da educação.

Como dito anteriormente, John Dewey foi um dos principais representantes da corrente filosófica pragmatista. Mas, o que vem a ser o Pragmatismo? Trata-se de uma corrente de pensamento que supõe que a experiência, uma vivência concreta apreendida conceitualmente, é o único critério de verdade; com a ressalva de que uma verdade nunca é estática porque o dinamismo é inerente às experiências. Além de Dewey, essa escola filosófica norte-americana teve, como seus formuladores, Charles Sanders Peirce e William James.

John Dewey tornou-se pedagogo propriamente quando, em 1894, foi convidado para a Universidade de Chicago. Nesse momento, ele pediu a direção dum departamento de Pedagogia e a criação de uma escola experimental, a qual depois ficou conhecida como ‘Escola de Dewey’. Procurou com a criação dessa escola por suas ideias à prova. Cioso dos ideais democráticos, Dewey abria espaço de sua escola para reuniões periódicas de professores, nas quais esses propunham novas atividades escolares consoantes com suas experiências diárias e diretas com os alunos. O cooperativismo entre os alunos era também uma característica da escola: reunidos, trabalhavam com costura, carpintaria e culinária para venderem seus produtos na cidade. A escola de Dewey muito destoava, portanto, do conjunto da sociedade americana, na qual concorrência, e não cooperação, era a regra. O que não é de se estranhar numa escola cujo criador almejava transformar a sociedade, e não reproduzi-la.

Uma estratégia pedagógica de destaque, ilustradora das ideias de Dewey, aplicada em sua escola foi o que ficou conhecido pelo nome genérico ‘ocupação’ (WESTBROOK, 1993). As ocupações eram aulas ministradas a partir da reconstrução de experiências ou de práticas de produção. Então, por exemplo, aulas da história nacional simulavam a criação das habitações dos primeiros colonizadores; aulas sobre pré-história eram dadas a partir da

construção de cavernas pelos próprios alunos; as aulas de matemática ocorriam concomitantemente com as de marcenaria. Esse método educacional, sofisticado e criativo, era a concretização das concepções pedagógicas de John Dewey. Nas ocupações, os alunos percebiam a união inextrincável do pensamento com a ação, da teoria com a prática; os interesses dos educandos eram captados pelas aulas; a psicologia infantil ligava-se a lógica adulta do currículo escolar e, por meio da vivência subjetiva dos estudantes na reconstrução de experiências, eles aprendiam agudamente o sentido das matérias escolares.

Desenvolvimento

Assim como foi apresentado um conjunto de problemas relativos a concepções educacionais errôneas, será apresentado agora um outro conjunto de teses a fim de fazer frente àqueles problemas. Evidenciaram-se, pelo artigo, problemas em grande parte advindos de falsos antagonismos e de decorrentes correntes pedagógicas excludentes entre si; igualmente, foram explicitados problemas suscitados por objetivos educacionais inadequados ao que se espera duma verdadeira educação. As seguintes respostas aos desvios pedagógicos apontados inspiraram-se nas concepções de John Dewey para a educação, concepções essas que se caracterizam sempre por repulsa a extremos, unidade entre ideias e, principalmente, por fundações filosóficas.

De maneira semelhante à inversão dos lados em um espelho, nesta subseção converteremos problemas em soluções, seguindo a ordem de apresentação dos problemas desse trabalho.

A democracia, além de ser um sistema político, é um modo de configuração social, no qual há relações justas e uma distribuição equitativa de interesses. Para John Dewey, a educação efetiva, individual e social, deve combinar-se com uma sociedade democrática. E deve combinar-se por diversos motivos. Como democracia é um desenvolvimento de um todo social e educação é desenvolvimento humano, uma deve combinar-se com a outra. Ademais, dado as desigualdades das sociedades concretas, a educação não pode ser um fator de reprodução social, mas de transformação. Transformando a sociedade em direção a um desenvolvimento integral, não só as classes sociais desfavorecidas desenvolver-se-ão, mas também a parcela já desenvolvida mais desenvolver-se-á, já que o desenvolvimento humano individual e de parcelas sociais cresce à proporção que o desenvolvimento de um todo social aumenta até que idealmente haja uma homogeneização, ou igualdade, social. Mais um ponto de contato da educação com a democracia, agora sob o âmbito laboral, refere-se à

emancipação humana. De acordo com as grandes propostas educacionais, dentre elas a de Dewey, a educação provê autonomia ao indivíduo. Dessa maneira, a escolha individual do trabalho, com vontade, valor e significado, seria democratizada. Outro motivo de combinação entre educação e democracia é o equilíbrio proposto por Dewey, em matéria pedagógica, da formação individual com contribuição social. Com efeito, tal equilíbrio promove relações sociais mais justas e recíprocas, características democráticas.

Depois dos motivos pelos quais educação e democracia estão combinadas uma com a outra, segue-se a proposta de que a apresentação do currículo escolar acompanhe o interesse do aluno. John Dewey não contrapunha uma pedagogia centrada na criança e uma pedagogia focada no currículo. Ele buscava harmonizar psicologia infantil com lógica adulta, ou curricular. Johann Friedrich Herbart (2003), anteriormente a Dewey, havia afirmado a articulação fundamental do mundo subjetivo da criança com a instrução educativa. É claro que aproximamos aqui Dewey a Herbart em meio a um certo risco, haja vista as críticas daquele ao ‘herbartismo’, corrente pedagógica que propagou, não sem alguma distorção, as ideias de Herbart (HILGENHEGER, 1994, p. 319-320). Porém, ambos defenderam a apreensão do conteúdo curricular com base no interesse e atividade mental do aluno.

Como não poderia ser diferente, novamente recorremos a Dewey, para cuja concepção pedagógica a educação, tal qual a vida, é um *continuum* evolutivo, um desenvolvimento progressivo ininterrupto. Nesse sentido, não há uma finalidade estanque, salvo a morte do ser humano, única condição para interromper o desenvolvimento vital, ou educacional. Ainda sobre meio e fim, argumentaremos a favor da seguinte tese: não somente o fim é algo valorado e significativo, mas o meio, o processo também o é. Quem sabe se teríamos mais entusiasmo juvenil com o estudo, caso valorizássemos mais o processo educacional? Processo através do qual são atingidos os fins de passar numa faculdade e conseguir um bom emprego, fins esses indubitavelmente valorizados.

Dando sequência ao ataque às problemáticas e batidas concepções educacionais aqui deparadas, afirma-se que um objetivo educacional é vazio, a não ser que particular e concreto; e efetivo, a menos que geral e abstrato. De fato, educação não é um ente, geral e abstrato, que realiza objetivos; e somente pessoas em ‘carne e osso’ alcançam objetivos.

Quanto aos dois problemas, o desconsiderar os conhecimentos prévios da criança e o educar sem a experiência, gerados pela concepção pedagógica de preparar a criança para a vida, este trabalho defende que a educação deve partir dos conhecimentos e interesses da criança para, por meio da vivência, da experiência, orientá-los, ordená-los, ampliá-los e até mesmo os corrigir segundo as matérias escolares. Essa proposta educacional é de fato densa e

complexa, e articula muitos elementos: o mundo interior da criança, a experiência, a adequação ao pensamento lógico. Mas, ela não poderia ser diferente, já que almeja fazer jus a um processo educacional efetivo.

Agora, lembremos que para Dewey não há dissociação entre aprendizado formal (escolar) e informal (do cotidiano, da vida). Ambos estão a serviço da experiência, da prática, da consecução de objetivos e da resolução de problemas. O que os distingue é o modo de aprender: na escola, o aprendizado é explícito, justificado, ordenado e pretendido; já na vida, o aprender é intuitivo, casual, ametódico e indireto. Não obstante, um deve acompanhar o outro e veremos depois o porquê disso.

Finalmente, é apresentada a última tese deste artigo defronte ao falso antagonismo, pensamento contra ação. O presente trabalho defende que teoria e prática, mente e mundo, não são antinomias, mas princípios complementares. Com o pensamento, nossas ações tornam-se deliberadas, intencionais, planejadas e eficazes (DEWEY, 1.959). Quando apresentarmos a definição de objetivo segundo John Dewey, entenderemos que o pensar e o fazer se somam em uma equação favorável ao ser humano. Teoria sem prática e prática sem teoria levam respectivamente ao pensamento ocioso e à ação cega. Por isso que não podem esvaziar os conteúdos escolares de sentido prático ou basear o ensino em tecnicismos sem compreensão subjetiva.

Argumentação

Iniciemos as argumentações por aquela benéfica união da contribuição social com a formação individual, no âmbito educacional certamente. Ninguém há de discordar de que a formação individual é uma das principais funções da educação, pois todos querem desenvolver talentos e vocações, adquirir qualidades e habilidades, e isso só ocorre caso haja educação. Por outro lado, formam-se indivíduos tendo em vista a contribuição social, uma vez que a solidariedade é um imperativo moral e que a partir da contribuição recíproca a nossa vida e a alheia melhoram e são facilitadas. Portanto, a educação, como indica Dewey, deve unir formação individual com contribuição social.

Sem ignorar fatores econômicos, o artigo argumenta também a favor da melhoria qualitativa da vida no trabalho através da educação. A emancipação humana é alcançada pelo processo educacional, que enriquece a consciência subjetiva, isto é, torna o sujeito mais crítico, perspicaz, reflexivo e voluntarioso (em um bom sentido do termo, de ser livre para escolher segundo a própria determinação subjetiva). Assim, se a educação fosse efetiva, os

indivíduos escolheriam seus trabalhos e profissões autonomamente e, por conseguinte, estariam mais contentes e realizados em seus empregos.

Retornemos agora àquela distinção interessante entre meio e fim. Comumente incorrem no erro de achar uma oposição absoluta entre meio e fim. Se há uma distinção entre ambos, essa é apenas aparente porque meio e fim identificam-se. Um fim nada mais é do que um meio para um outro fim sucessivo, pois a vida humana, tal qual a educação, não é uma sequência de términos e recomeços, mas é uma continuidade até o verdadeiro e único fim, a morte, se se não assume a vida após a morte obviamente. Logo, a educação é para a vida inteira e não se encerra na escola ou na faculdade; além disso, concluir a faculdade e a escola não são fins diferentes, mas etapas dum processo vital de aprendizado. Emendamos a isso outra questão da discussão sobre meios e fins: a questão de se somente os fins valem ou se os meios também. Asseveramos a respeito disso sem titubear que ambos, fim e meio, são significativos e valiosos. Pois, de modo contrário, a condição para atingirmos nossos fins seria o aborrecimento, a obrigação de realizar tarefas tediosas para alcançar nossos objetivos. Deste modo, certo seria perceber os meios na qualidade de conquistas valiosas, significativas e progressivas, cujo processo culmina na consecução dum fim. Acerca disso, deve ficar dito que um meio vale não por força de um olhar otimista, mas porque há meios de fato valiosos, basta a nós reconhecê-los.

Antes de prosseguirmos nas argumentações seguintes, será apresentada a definição de objetivo segundo John Dewey, com a qual embasaremos outras teses do artigo. Tal definição será formulada aqui com base em um dos livros de Dewey (2007). Pois bem, objetivo para Dewey é a intenção de um indivíduo, com cuja inteligência conferiu-se antecipadamente a viabilidade de um resultado significativo e valorado. Esse resultado torna-se um objetivo quando antevisto e escolhido propositalmente por um sujeito consciente, em detrimento de outras alternativas de ação. Depreende-se da viabilidade de uma intenção: a constatação das circunstâncias presentes; a percepção dos obstáculos às ações, dos recursos disponíveis para diversos resultados e dos potenciais; o conhecimento das inter-relações entre fatos, das relações causais entre um evento e outro; a observação, em suma, das situações concretas e particulares portanto. Somente após esta minuciosa análise prévia de resultados possíveis, e aquele processo deliberativo, de escolha de um resultado dentre outros, é que se faz um planejamento, tendo em vista a realização de um objetivo. Vale destacar também a diferença de resultado e objetivo: aquele é simples existência factual, é um simples efeito; enquanto este é a realização completa de um processo ordenado e regular no espaço e no tempo, de uma cadeia na qual cada ação tem uma continuidade intrínseca, isto é, é precedida por outra

determinada ação e sucedida por um outro ato definido até que cheguem ao fim de um processo intencional, que completa-o e realiza-o. Nestes termos está exposta a intrincada definição de John Dewey para objetivo.

Com isso, conseguimos sustentar prontamente duas teses do artigo, a saber, um objetivo educacional deve sempre concernir a um estudante concreto e particular, e tem de levar em conta os conhecimentos prévios dos alunos. Para a primeira tese, temos duas justificativas: como vimos com Dewey, um objetivo existe somente se pertencente às circunstâncias mundanas, determinado e ordenado espaço-temporalmente, e envolto de fatores reais; ademais, só um sujeito concreto e particular delibera, e não um geral e abstrato. Relativamente à segunda tese, argumentamos que a viabilidade de um objetivo depende de potenciais, recursos disponíveis e obstáculos às ações, e em educação os conhecimentos do aluno são os potenciais e recursos, e suas dificuldades os obstáculos.

A próxima tese do artigo a ser sustentada é a de conciliação do interesse do educando com o currículo escolar. Como vimos, essa tese foi proposta por grandes pedagogistas, a exemplo de Dewey e Herbart. A união do mundo subjetivo infantil (psicológico) com o mundo lógico adulto, outra maneira de se referir àquela conciliação, faz frente a duas correntes pedagógicas antagônicas, uma que enfoca somente a criança e outra que releva apenas as disciplinas, ou matérias escolares. Ocorre que uma deveria complementar-se a outra, e não denegá-la. Pois, a educação é efetivada pelas atuações concorrentes da psicologia e da lógica. Os conhecimentos, rigorosos e formais, adquiridos ao longo de milênios de civilização humana e dispostos no currículo escolar, o que chamamos de mundo lógico, são legados recorrentemente através da educação a cada nova geração, preservando todo avanço humano já obtido. Não obstante, a psicologia possui a mesma importância em educação. Isso se deve à vivência subjetiva, interior e refletida do estudante, único modo de efetivação do ensino e aprendizagem. Além do mais, a educação baseada apenas no currículo não motiva o estudante a continuar aprendendo, porque consiste em imposições externas e arbitrarias de conteúdo; e, quando baseada somente na psicologia infantil, a educação também não motiva à sequencialidade do aprendizado, porque baseia-se em imposições caprichosas de interesses espontâneos e cambiantes na criança. Se se deseja realizar um objetivo educacional, então deve-se atender à sequencialidade, regularidade e continuidade inerentes a qualquer objetivo, como apontadas por Dewey na definição mesma de objetivo. Logo, o interesse infantil que motiva e a disciplina escolar que solidifica o aprendizado devem se aliar a fim de garantir a efetivação de qualquer objetivo educacional que seja.

Outro falso antagonismo aqui atacado foi o pensamento oposto à ação. Em outras palavras: mente contra mundo, teoria versus prática. De acordo conosco, pensamento e ação devem se juntarem para o bem do ser humano, pois caso separados tornariam o indivíduo deficiente seja de prática, seja de teoria. A apreensão da conciliação desses dois aspectos humanos, mente e mundo, nos permite compreender o conceito central para o Pragmatismo, o conceito de experiência, a partir do qual aferimos dinamicamente verdades. Para John Dewey, o pensamento, legado a nós pela evolução biológica, é um ‘instrumento’ para resolver problemas práticos da nossa existência de modo a nos garantir bem-estar e sobrevivência. Ainda a respeito da indissociabilidade devida entre teoria e prática, lembremos que na própria definição de objetivo há a união inextrincável de mente e ação: não simplesmente agimos para atingir nossos objetivos, mas antevemos mentalmente o resultado de nossas ações; conhecemos as relações entre eventos; planejamo-nos; aliamos, pois, teoria com prática a fim de realizar nossos objetivos. As funções do espírito em geral, pensar, prever, refletir, analisar, não estão a sós e não são contemplações meramente. As suas razões de serem são justamente suas aplicações práticas nas experiências vivenciadas ou porvindouras. Ademais, somente quando nós racionalizamos, pesquisamos, investigamos e analisamos as experiências, apreendemos os seus sentidos e aprendemos as maneiras de resolver os problemas práticos da existência. Tais assimilações são acumuladas ao longo do tempo, sendo transmitidas de geração em geração pela herança cultural, e constituem formalmente os conteúdos das disciplinas escolares. Por isso que as crianças devem ser confrontadas com situações problemáticas para com isso mobilizarem seu conhecimento teórico junto com o prático. Desta maneira, ver-se-á que se apreende agudamente o sentido das coisas experienciando situações problemáticas. Ao reconstruir e reorganizar experiências no contexto escolar, das quais extraíram-se os grandes ensinamentos e aprendizados da civilização, as crianças analisam-nas, investigam-nas, refletem-nas e adquirem maior conhecimento, a partir do que futuramente dirigirão melhor as experiências por virem.

Verifica-se, pelo exposto, a dissolução de duas concepções educacionais errôneas: a separação forçada entre aprendizado formal e informal; e a ideia de que as experiências são só para a vida adulta. Quanto ao primeiro erro, só temos a dizer que os conhecimentos formalizados não são inimigos dos conhecimentos adquiridos imediatamente e espontaneamente do cotidiano, das vivências concretas, mas são originados desses e complementares aos mesmos. Já em relação ao segundo erro, cabe a nós afirmar que, consoante a argumentação exposta, a experiência deve fazer parte do contexto escolar porque aprendem com maior agudeza por meio de vivência situacional concreta.

Para concluir os argumentos do artigo, sustentamos agora as teses restantes. Educação é desenvolvimento humano progressivo e constante. Nesse sentido, o objetivo educacional coincide consigo mesmo; pois, o objetivo educacional genuíno é, outrossim, desenvolvimento humano progressivo e constante. E para haver desenvolvimento é mister haver transformação. Desta maneira, defendemos que a educação não é um reprodutor de um dado estado de coisas, mas é o seu transformador. Somado a isso, temos a tese de que a sociedade como um todo deve transformar-se pela educação porque o objetivo da educação não é alcançado somente educando um indivíduo genial, ou uma elite social isolada, já que o desenvolvimento humano só ocorrerá mais e mais à proporção que um todo social se desenvolve. Há efetivamente apenas uma sociedade, cujos pilares são desenvolvimento social integral, relações justas e recíprocas, e distribuição equitativa de interesses. Essa sociedade é a democrática. Assim, cristalina está a união siamesa entre democracia e educação. União tão intuitivamente notável que quase prescindia da nossa argumentação exposta. Chegamos agora ao ponto central da teoria pedagógica de John Dewey: a associação inquebrantável da educação à democracia. Em síntese, o desenvolvimento individual constante, concomitantemente ao social, orientado para fins sociais é o zênite de qualquer que seja a finalidade educacional. Por fim, só não descuidemos de lembrar que a transformação da sociedade não pode ser promovida apenas pela educação, mas por outros meios também, como a política reconstruindo hábitos e instituições sociais.

Considerações finais

Pela exposição feita, concluímos que, em matéria de educação, muitos falsos antagonismos foram construídos de modo a criar diretrizes pedagógicas excludentes e infrutíferas. Com as ideias de Dewey, vimos que aliando extremos chegamos a corrigir nossas interpretações e a propor intervenções efetivas.

O primeiro ponto a relembrarmos refere-se aos prejuízos de opor psicologia à lógica, mundo infantil ao mundo curricular. Se focarmos apenas no currículo, caímos na cultura livresca, no verbalismo, no mecanicismo sem significado, na ‘decoreba’. Agora, caso foquemos somente na criança, incorremos em desprestígio do riquíssimo conhecimento elaborado por milênios de civilização, em cessão demasiada de liberdade ao espaço da desordem, da ilogicidade e da volatilidade do mundo infantil. Além do mais, recordemos nós que nenhum objetivo é concretizado em meio a educação arbitrária desmotivadora ou em meio aos interesses cambiantes e caprichosos das crianças. É necessário conciliar interesse e

disciplina, conhecimento acumulado em milênios de civilização com efetiva apreensão de conteúdo e sentido por meio de reflexão subjetiva do educando.

Conclui-se do trabalho também que pensamento e ação, mente e mundo, teoria e prática, entendidos comumente como exemplares duma antinomia entre domínios inconciliáveis, são, pelo contrário, aspectos complementares, que quando juntos se fortalecem, um ao outro. Como vimos com Dewey, pensamento é o instrumento legado a nós pela evolução biológica para dirigir com eficiência nossas ações. Possuímos diversas faculdades mentais, como entendimento, aprendizado, inteligência e deliberação que nos capacitam a perceber o sentido de diversos fenômenos e suas inter-relações; a inventar meios de controlar a natureza; a elaborar soluções criativas às situações problemáticas; a aprender e transmitir ensinamentos, que melhor guiarão nossas experiências futuras; e a decidir e escolher as melhores alternativas de ação. Por conseguinte, o ensino escolar não deve privilegiar somente o teórico, ou apenas o prático; mas, deve aliá-los.

Enfim, rememoremos do exposto também que o objetivo educacional é o desenvolvimento humano progressivo e constante. Vimos que só se alcança um desenvolvimento pleno e autêntico com uma educação que alcance a todos os membros da sociedade. O desenvolvimento social parcial é inautêntico e parco, gera distorções no seio das sociedades. Assim, depreende-se logo que a constituição de uma sociedade democrática é essencial ao objetivo educacional.

REFERÊNCIAS

DEWEY, J. **Como pensamos**. Como se relaciona o processo reflexivo com o processo educativo: uma nova exposição. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1959.

DEWEY, J. **Vida e educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

DEWEY, J. **Democracia e educação**: capítulos essenciais. São Paulo: Ática, 2007.

HERBART, J. F. **Pedagogia geral**. Portugal, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas, 2003.

HILGENHEGER, N. **Perspectives**: revue trimestrielle d'éducation comparée. **Escritório Internacional de Educação**, v. 24, n. 1-2, p. 307-320, 1994.

SOËTARD, M. **Johann Pestalozzi**. Coleção Educadores MEC. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Editora Massangana, 2010. p. 41-89.

TEIXEIRA, A. A pedagogia de Dewey. *In*: DEWEY, J. **Vida e educação**. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971. p. 13-41.

WESTBROOK, R. B. Perspectives: revue trimestrielle d'éducation comparée. **Escritório Internacional de Educação**, v. 23, n. 1-2, p. 277-293, 1993.

Como referenciar este artigo

MOURA, I. G.; BOTO, C. A concepção educacional de John Dewey: objetivos e metas. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v. 10, n. 00, e021013, jan./dez. 2021. e-ISSN: 2358-4238. DOI: <https://doi.org/10.29373/sas.v10i00.15693>

Submetido em: 07/09/2021

Revisões requeridas: 13/10/2021

Aprovado em: 10/11/2021

Publicado em: 29/12/2021